



www.iese.ac.mz

Introdução ao livro “Desafios para Moçambique, 2013” e Desafios Económicos em Moçambique

Carlos Nuno Castel-Branco
carlos.castelbranco@gmail.com

Lançamento do livro “Desafios para Moçambique, 2013” em Cabo Delgado
IESE, Helvetas e Escola de Ética na Universidade Católica
Pemba, 25 de Outubro de 2013

Estrutura da Apresentação

- Introdução geral ao livro “Desafios para Moçambique, 2013”
- Desafios económicos em Moçambique
- Conclusão

Introdução ao livro “Desafios para Moçambique, 2013”

A série “Desafios para Moçambique”

- A génese da obra e o papel que a série pretende desempenhar – como nasceu: a sistematização da investigação para o debate público
- Desafios para quem? A questão da cidadania
- Identificação dos desafios e sua análise é uma área de contestação – reflecte escolhas e prioridades
- O que significa o “ano” no fim de cada edição?

Introdução ao livro “Desafios para Moçambique, 2013”

- ❑ O “Desafios para Moçambique, 2013”
 - ❑ Contexto – mais claras as tensões e a dualidade de análise. Somos um sucesso ou não? E para quem? Que opções?
 - ❑ Abordagem de conflito – do unidireccionismo (conflito afecta economia) para o multidireccionismo (conflito pode também ser acerca da economia)
 - ❑ A composição do livro: secções
 - ❑ A secção económica do livro: um conceito, desafios em torno da abordagem, implicações, contestação sobre opções e um programa de investigação
 - ❑ Alguma informação de detalhe sobre a composição do livro e sobre os autores:
 - ❑ 16 artigos (dos quais 10 são directamente sobre economia, e a secção económica inclui 8 destes)
 - ❑ 23 autores, dos quais 12 são investigadores permanentes do IESE, e 4 são investigadores associados
 - ❑ Envolvendo 9 instituições de, ou que fazem, investigação [IESE, CIP, UEM, Univ. KwaZulu-Natal, Univ. de Londres (SOAS), Univ. de Sussex (IDS), Universidade de Manchester, IIED, Univ. da Agricultura da China], o que reflecte trabalho em rede. Redes são a componente mais importante e duradoira da investigação.
 - ❑ Dos 16 investigadores permanentes e associados do IESE envolvidos neste livro, 10 têm 30 anos ou menos, 14 são moçambicanos, 8 são mulheres, 6 têm doutoramentos, 3 são candidatas a doutores, 5 são mestres e 2 são licenciados

Desafios Económicos de Moçambique

Primeiro Desafio: contestação sobre a análise de Moçambique e seus desafios.

- ❑ Moçambique é hoje conhecido como uma “história de sucesso” por, entre outros, os seguintes factores: elevadas taxas de investimento com relativo sucesso na atracção de IDE; elevadas taxas médias de crescimento do PIB real *per capita* ($\pm 5,5\%$ ao ano) sustentadas ao longo de mais de uma década; inflacção agregada relativamente baixa para o tipo de economia (média anual de $\pm 7\%$ ao longo de mais de uma década); redução da pobreza absoluta de 69% para 54% em uma década e meia; redução da dependência do orçamento do Estado em relação à ajuda externa de mais dois terços para 40% em duas décadas pós-guerra. As exportações aumentaram rapidamente na última década, e tenderão a aumentar ainda mais aceleradamente, por via do desenvolvimento do complexo mineral-energético.
- ❑ Emergiu uma classe capitalista e empresarial nacional, predominantemente ligada aos grandes projectos de investimento/empresas, por várias formas.
- ❑ Estaremos, então, na presença de uma economia em rápido desenvolvimento sustentado, promovida por um Estado de desenvolvimento em formação? Analisando os mesmos dados de outra forma podemos chegar a conclusões mais claras.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Em vez de perguntarmos quão depressa a economia tem crescido, podemos perguntar quão efectivo esse crescimento económico tem sido a resolver os problemas fundamentais da economia e da sociedade.
- ❑ Mas quais são os problemas fundamentais da economia? E de que perspectiva social são estes processos/fenómenos/factos de considerar como “problemas” e “fundamentais”?
- ❑ Na última década e meia o PIB real *per capita* cresceu 5,5% ao ano, em média, e a pobreza, medida pela % da população abaixo de uma linha da pobreza, diminuiu a uma média de 1% ao ano. Portanto, a eficácia da economia moçambicana a reduzir pobreza é menor que a média das economias africanas no mesmo estágio de desenvolvimento. Pior, o último estudo da pobreza mostrou que quando a economia acelera, a sua eficácia em reduzir pobreza diminui para próximo de zero, o que tem resultado no aumento do número de pobres em linha com o crescimento da população. Como se explica isto, mesmo quando a distribuição nominal do rendimento (medida pelo coeficiente de Gini) não se torna mais desigual?

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ No mesmo período, a economia afunilou – perdendo diversidade e capacidade de substituir importações, e tornando-se dependente de importações de comida e da maior parte das matérias primas e auxiliares para produção (incluindo energia, de que nos transformámos em importadores líquidos).
- ❑ Além disso, as estatísticas do Banco de Moçambique mostram alguns dados interessantes:
 - ❑ Nos anos de maior lucratividade dos grandes projectos/empresas, o défice da balança de capitais aumenta e, em alguns anos, Moçambique torna-se exportador líquido de capitais
 - ❑ A dívida pública interna aumenta proporcionalmente à expansão das parcerias público privadas e do investimento em infraestruturas e serviços para servir os grandes projectos/empresas.
- ❑ Estudos sobre as ligações com os grandes projectos mostram que estes não geram oportunidades para todos, nem estão a ajudar a avançar a diversificação e articulação da base produtiva e de industrialização.

Desafios Económicos de Moçambique

- Serão, estes, “problemas” e serão, tais problemas, “fundamentais”? Sim, são, numa óptica de desenvolvimento amplo, alargado e diversificado, que vá para além da intenção de criar grupos/classes económicos/políticos dominantes a curto prazo, e que considere a sustentabilidade dos processo de desenvolvimento e de desenvolvimento social amplo.
- E porque são problemas? Resumindo o que já foi dito:
 - Ineficácia em resolver os problemas de pobreza
 - Ineficácia em formar ligações, diversificar e articular a base produtiva
 - Vulnerabilidade e instabilidade económica
- A estas questões podemos adicionar outras:
 - Prioridade dada ao que está em baixo do solo, em vez do que está em cima
 - Enfoque em criar ricos em vez de lidar com os problemas mais gerais da reprodução da economia e bem estar das pessoas
 - Intergeracionalidade das questões de desenvolvimento – redução das opções ou ampliação das opções para o futuro? Como queremos que os nossos filhos, netos e bisnetos vivam?

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Será que estes problemas podem ser equacionados como “copo meio cheio, ou copo meio vazio?”. Não, o problema não é a metade vazia do copo, que é pouco relevante, mas de que é que o copo está meio cheio.
- ❑ Vamos analisar alguns factores fundamentais em mais detalhe (alguns dos quais são canais de transmissão de uns processos/efeitos para outros) (deixando de lado as infindáveis discussões sobre a qualidade dos dados, sempre lançada pela parte mais “ofendida” por eles).

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ **Base produtiva e do investimento** – acelerado afunilamento, com concentração em produtos primários ou quasi-primários para exportação. Alumínio e gás (2 empresas com cerca de 2.000 trabalhadores ao todo) formam 2/3 do produto industrial e das exportações de bens e serviços. Alimentos, bebidas e tabaco e minerais não metálicos formam 3/4 do restante 1/3 da produção industrial e exportações de bens e serviços, sendo 75% da produção destes sectores concentrada em tabaco (exportação em bruto), açúcar, cerveja e farinhas (dependentes de importações) e cimento. Isto é, mais de 90% do produto industrial é gerado por sensivelmente 20 empresas empregando pouco mais de 15 mil trabalhadores (dois terços dos quais no açúcar). Na última década e meia, cerca de 80% do investimento privado aprovado é relacionado com o complexo mineral energético e *commodities agrícolas* (florestas, tabaco, açúcar), quer directamente nessas actividades, quer nos serviços que as servem (transporte, finanças, construção e comércio). Apenas 10% desse investimento foi para a agricultura, mas, mais significativamente, apenas 1% do investimento privado total foi para a produção de alimentos, e apenas um terço disto foi para a produção de alimentos para o mercado doméstico. Logo, enquanto o PIB e o investimento privado cresceram depressa, a produção alimentar *per capita* diminuiu a uma taxa de quase 1% ao ano, e a capacidade de substituir importações e desenvolver ligações a montante e jusante da transformação de produtos agrícolas quase desapareceu.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ **Emprego** – padrão de crescimento não é intensivo em trabalho porque depende de despesa social e do complexo mineral-energético e florestal, não sendo, nenhum deles, grande empregador. Além disso, a relativa escassez de bens e serviços básicos de consumo, *wage goods/services*, encarece a força de trabalho ou gera tensões sociais, o que reduz a oportunidade e o incentivo para uma economia intensiva em trabalho (algumas das indústrias mais intensivas em trabalho, como a açucareira, estão a avançar com estratégias de mecanização e redução de mão de obra para reduzir o poder do movimento laboral).
- ❑ **Crescimento da produtividade do trabalho** – limitada às, ou afunilada nas, áreas de expansão rápida (complexo mineral-energético + *commodities* agrícolas). Dado o limitado emprego, ganhos de produtividade são confinados a enclaves na economia.
- ❑ **Poder de compra real das camadas de rendimento mais baixo** – nos últimos 15 anos, a inflação dos bens e serviços básicos, em especial comida, foi 50% superior à inflação média na economia. Dado que as camadas mais pobres gastam nestes bens uma % do seu rendimento 3 vezes superior à das camadas de maior rendimento, a distribuição do rendimento real é altamente desfavorável às camadas de baixo rendimento. Enfoque na economia extractiva não permite resolver este problema.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ **Porosidade da economia** (ou a sua capacidade de reter a riqueza gerada) – apenas 25% o valor acrescentado dos grandes projectos permanece em Moçambique, sobretudo para custos correntes desses projectos; reinvestimento de IDE ronda os 2,5%-5%; impostos sobre o rendimento do capital contribuem tanto para as receitas fiscais como os impostos sobre o rendimento do trabalho (num país com 54% da população considerada pobre), e ambos (impostos directos) são uma % ainda muito pequena das receitas do Estado. Quando a lucratividade dos grandes projectos diminui (por exemplo, recente crise dos preços de alumínio), o défice da balança de capitais melhora. Fuga de capitais (lícita + ilícita) \pm 6%-9% do PIB.
- ❑ **Dívida pública doméstica** (refinanciamento do Estado) – nos últimos 11 anos aumentou 15 vezes, sobretudo a relacionada com a venda de títulos e obrigações do Tesouro (como alternativa à tributação do grande capital), resultando em escassez de liquidez para investimento produtivo directo, encarecimento do capital para a economia como um todo e incentivo para um sistema financeiro especulativo.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Estes problemas não são de natureza técnica. Necessário entender a economia política do processo de acumulação de capital e formação das oligarquias financeiras nacionais em estreita aliança com o grande capital multinacional, em contexto histórico específico. Num contexto em que o capitalismo se financeirizou à escala global, em Moçambique a formação de oligarquias nacionais passou directamente da expropriação para a especulação com recursos, sendo a responsabilidade pela reprodução social da força de trabalho atribuída às famílias e à ajuda externa.
 - ❑ Afunilamento é o resultado da aliança com o capital multinacional.
 - ❑ Porosidade é a moeda de troca para facilitar a aliança entre o capital doméstico e multinacional. O Estado é expropriado e privado da sua capacidade de prosseguir políticas económicas e sociais mais abrangentes para poder facilitar a acumulação privada de capital com uma base afunilada.
 - ❑ Ineficácia em reduzir pobreza resulta destas dinâmicas de acumulação – logo, ineficácia aumenta quando a economia, esta economia, acelera.

Desafios Económicos de Moçambique

Segundo desafio: O que fazer a curto e longo prazo?

- ❑ Há pelo menos 4 abordagens, mas só uma oferece a unidade entre o curto e longo prazos.
 - ❑ Acelerar crescimento nos mesmos padrões, pois a riqueza gerada a partir de um certo ponto deve permitir resolver estes problemas. [Mas a economia não vai resolver os seus problemas estruturais apenas por ficar maior. Dada a porosidade e ineficácia na redução da pobreza, é improvável que escala resolva o problema];
 - ❑ Mais ajuda externa até os recursos naturais começarem a render em pleno, daqui a 15 anos [Simplesmente improvável]
 - ❑ Ajustamentos de curto prazo com medidas de estímulo. Por exemplo, o Banco Central tem estado a reduzir as taxas de referência, mas a elasticidade das taxas comerciais relativamente às de referência, quando estas baixam, é próxima de zero. E porque seria diferente, dada a estrutura da economia e o incentivo especulativo ao sector financeiro proporcionado pela política fiscal? Portanto, ajustamentos e curto prazo são paliativos que nem funcionam eficazmente.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Uma maneira diferente de pensar nas questões:
 - ❑ Foco nos problemas e não nos recursos – a nossa riqueza e a nossa vantagem comparativa são os problemas que temos para resolver. Que problemas vamos escolher e como vamos tratar deles, depende das prioridades dadas pela economia política de acumulação de capital. Vamos tratar da pobreza, desenvolvendo uma base alargada de produção, diversificada, com articulações e jusante e montante e focada na alimentação das pessoas e da economia? Ou vamos concentrar-nos na formação de oligarquias nacionais dependentes do capital multinacional e com padrões de acumulação gerados em torno desse capital, reproduzindo o que já temos? Para diferentes prioridades, diferentes soluções. O que acontece com “recursos” depende destas prioridades de classe.
 - ❑ Desmistificar sectores, em especial o papel da agricultura – “agricultura” pode ser florestas, tabaco, algodão ou comida. O sector agrícola tem expandido, mas focado em *commodities* para exportação. A questão central, portanto, não é fazer mais agricultura (ou qualquer outra actividade) mas como é que essas diferentes actividades participam no processo social de acumulação, na formação do equilíbrio entre consumo e acumulação, e na reprodução da força de trabalho. Produzir comida para promover industrialização nacional (que inclui mas ultrapassa a agricultura) é mais importante do que pensar em “agricultura” em termos gerais.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Os padrões e objectivos de produção também afectam não só os padrões de consumo mas as possibilidades de mudança estrutural. O que acontece na agricultura, por exemplo – o que produz, para quê e como – pode ajudar ou impedir a mobilidade de força de trabalho para outros sectores. Mais comida e mais articulação e diversidade da base produtiva geram mais oportunidades para absorção, em grande escala, de força de trabalho fora da agricultura, ao mesmo tempo que incentivam o aumento da produtividade do trabalho na produção agrícola.
- ❑ Gestão de expectativas – esta expressão está em todo o lado, das bocas dos políticos e dos capitalistas aos *media* sociais, passando pelos funcionários e muitos activistas sociais. Mas o que é que isto significa? De que expectativas, e de quem, estamos a falar e porque é que ninguém esclarece o que significa “gerir” essas expectativas? E quem as vai gerir e com base em que critérios? Até ao momento, na prática “gerir expectativas” tem significado reduzir, ou mesmo eliminar, a esperança dos pobres e dos trabalhadores em geral e concretizar as ambições do capital. Os mais necessitados têm a suas expectativas atiradas para um futuro distante e incerto, que ninguém sabe onde está, como lá chegar e se um dia o veremos. Isto é justificado com a ideia de que é absolutamente necessário, a curto prazo, satisfazer as ambições do capital e dos capitalistas. E se ousarmos “gerir expectativas” de forma inversa? E se desafiarmos a mentira de que não há riqueza gerada para usar melhor? O significado real de “gerir expectativas” é também uma opção de classe sobre prioridades, sobre problemas a resolver e sobre a produção, apropriação e o uso da riqueza.

Desafios Económicos de Moçambique

- ❑ Dimensão e desafios regionais de desenvolvimento – nos últimos anos, a atenção em Moçambique tem sido desenvolvida em torno do potencial (aparentemente muito grande) de recursos energéticos. As respostas nacionais têm sido estruturadas em torno de engajar grandes multinacionais na prospecção e controlo desses recursos. A especulação com recursos têm aumentado e as datas previstas de início de exploração e início da geração de fluxos de riqueza para a economia nacional têm sido constantemente adiadas. Em relação a expectativas iniciais, as datas foram adiadas em 10 anos e a projecção de fluxos de riqueza foi ajustada para um quarto do inicial. Os gastos em infra-estruturas são tão grandes que é provável que a economia venha a pagar para ter estes recursos não renováveis extraídos para benefício das grandes multinacionais. Será que esta é a única opção? Do ponto de vista de formação de oligarquias financeiras nacionais, a curto prazo e sem muita atenção para o longo prazo, é provável que o modelo actual seja o mais prático. Mas do ponto de vista de um desenvolvimento mais amplo, talvez seja de considerar seriamente utilizar os recursos energéticos para o desenvolvimento de uma estratégia regional de industrialização na África Austral e Oriental. Será possível e viável? Em que condições e com que implicações? Não vamos saber sem considerar seriamente esta questão. Mas certamente será uma opção menos rendeira e especulativa e mais produtiva.

Conclusão

- Nós não vivemos uma época em que “estamos na direcção correcta, mas faltam ainda algumas coisas”, isto é, a “época do copo meio cheio ou meio vazio”. A época em que vivemos é uma em que somos confrontados com opções fundamentais: (i) reproduzir uma economia de natureza e base extractiva, que gera enclaves de riqueza, progresso e bem estar, não sustentáveis, com contínuos períodos de crise e ajustamento a serem pagos pelo Estado e pela população em geral, em favor de um processo de acumulação que forma oligarquias e gera mansões, mas impede o progresso geral do País; ou (ii) fazer as mudanças políticas e económicas fundamentais, assumindo que riqueza são os problemas a resolver, e os prioritários são os ligados com a generalização das capacidades produtivas e do bem estar para todos?
- Naturalmente, estas lutas, debates e questões são questões sociais e políticas e não apenas financeiras e económicas, na medida em que:
 - Opções de desenvolvimento e, conseqüente, definições de prioridades, medidas de sucesso e perspectivas de curto e longo prazos têm carácter social e político, além do que se chama estritamente económico.
 - Tais opções e perspectivas têm impacto nas relações de poder, afectando, portanto, a sustentabilidade do quadro político existente.
 - Logo, a primeira questão que vem à mente, ao discutir mudança e transformação e a consistência entre o curto e o longo prazo, é a seguinte: de que base social e em que condições históricas emergem e se tornam influentes, senão mesmo dominantes, os interesses de mudança, e como é que estes se articulam e definem as prioridades em torno de problemas a resolver e como os abordar?

Conclusão

- ❑ É este tipo de debate, de cidadania, que a série “Desafios para Moçambique” pretende promover. Os vários artigos do livro, em especial os que abordam economia, colocam as questões e desafios, as opções e pontos de vista, disponíveis para o debate. É a sociedade, no seu todo, que se deve apropriar dessa informação e usá-la para identificarmos e enfrentarmos os desafios para Moçambique.
- ❑ Obrigado.